

Exposição da Semana

Nomadismos e Novas Habitabilidades

Arte

★★★
Vários Artistas Sala do Risco

Imaginemos um cenário pós-apocalíptico. Devastação, frios glaciares, escuridão. Kosuke Tsumura, a pensar nisso – que ele há gente que pensa em tudo – criou um abrigo intitulado “Final Home”, um casaco em plástico que pode ser enchido com jornais para manter o corpo quente, garantindo um nível mínimo de condições para a sobrevivência num ambiente hostil.

Esta é uma das criações que se podem ver até ao fim do mês na exposição “Nomadismos Novas Habitabilidades”, patente no MUDE (Museu do Design e da Moda), temporariamente instalado na Sala do Risco, junto à Sé (enquanto não se muda para o Palácio Verride, em Santa Catarina).

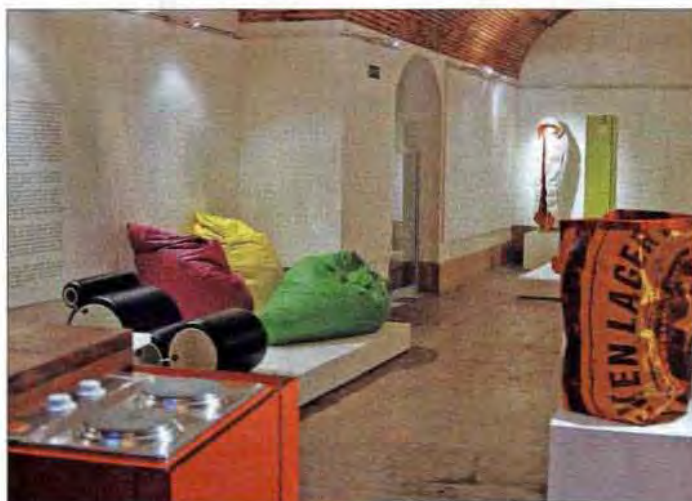
Um pequeno grupo de obras que exploram o modo como, desde os anos 60, os designers pensaram as consequências de uma população em constante movimento, seja pela rápida mobilidade ou pelo facto de não haver habitação para todos.

A explosão demográfica, os problemas de segurança, a poluição, o aumento dos sem-abrigo, provocaram necessidades de uma nova vivência urbana. O artista Joe Colombo, por exemplo, provavelmente preocupado com a possibilidade de nos tornarmos todos liliputianos, propõe uma cozinha multifuncional com espaço para fogão, frigorífico, bancada de trabalho, gavetas e

outras comodidades em apenas 70cm³. É também de Joe Colombo a espreguiçadeira “Tube Chair”, constituída por diferentes módulos tubulares que permitem uma utilização adaptável ao espaço existente.

Já em 1993, o colectivo Droog Design propõe um cesto/saco feito a partir de cartazes de rua. Matali Crasset, em 1995, cria “Quand Jim Monte à Paris”, um colchão, lanterna e despertador que se convertem numa simples coluna quando não estão a ser utilizados. Exemplos de obras que expressam uma versatilidade e mobilidade necessárias a um espírito de nomadismo e mobilidade surgido nos sessentas e que perdura até hoje.

A exposição, embora bem intencionada, peca pela falta de espaço, mas a conseqüente parca quantidade de obras é compreensível. Trata-se apenas de um “flash” e isso é assumido. Só é de lamentar que os interessantes textos que acompanham a mostra nem sempre correspondam às obras expostas. É o caso da cadeira “Egg”, de Peter Ghyczy, que não podemos ver ao vivo... Assim como “A-POC”, uma peça de Issey Miyake que, pela sua dimensão não pode ser exibida aqui, estando presente apenas como uma imagem em papel. Um flash que só aumenta a ansiedade para que o MUDE finalmente se mude. *Miguel de Matos*
A exposição está patente até 30 de Setembro, de Segunda a Sexta, das 10-18h, na Sala do Risco, Largo de Santo António da Sé, 22



Urbano Uma exposição que arranja soluções para o caos das cidades modernas